



## APRESENTAÇÃO / *PRESENTATION*

---

### Os Editores

Temos a grande satisfação de apresentar o vol. 2, n. 3, de *Basiliade – Revista de Filosofia*, correspondente ao período de janeiro–junho de 2020, cujo dossiê, organizado pelo Prof. Dr. Irineu Letenski, se intitula: Filosofia e Educação na Antiguidade.

Não será uma grande surpresa para o leitor descobrir – ao percorrer os artigos que ora apresentamos – que as reflexões aqui desenvolvidas giram quase todas elas em torno da educação na Grécia e, mais especificamente, nos períodos arcaico e clássico. Sabe-se, com efeito, que, ao falar de educação na Idade Antiga, vêm imediatamente à tona os nomes da Grécia e do Império Romano. É, pois, nestes dois polos que se acham, por assim dizer, o berço, as origens, ou o incunábulo, do qual se desenvolveu toda a história da educação ao longo da tradição ocidental. Neste sentido, a Grécia antiga se assinalou, como se sabe, pela sabedoria mitológica – mormente nas figuras de seus dois poetas máximos: Homero e Hesíodo –, pela sabedoria trágica e pelo pensamento racional, que se iniciou com os pré-socráticos. Quanto a Roma, além da mitologia e das letras clássicas, faz-se também ressaltar um saber de ordem jurídica e moral.

Ao se falar, pois, de educação na história do Ocidente, inevitavelmente se deve fazer referência, direta ou indiretamente, a todo o legado que a Grécia e o Império Romano deixaram em termos de poesia, de mitologia, de religião, de literatura e artes plásticas. Se, na Grécia, a educação se desenvolvia segundo uma hierarquia que, começando pelas disciplinas propedêuticas, culminava com a matemática e a indagação filosófica propriamente dita, em Roma se elaborou, com Marcos Terêncio Varrão (116–27 a.C.), aquilo que mais tarde se cristalizaria sob o nome de *artes liberais*. Estas disciplinas eram assim chamadas em contraposição às denominadas *artes serviles*, ou dos escravos. Primeiramente fixadas por Marcos Varrão em nove artes (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura e medicina), as artes liberais foram no século V reduzidas a sete pelo escritor norte-africano Marciano Capella, na obra

intitulada: *Núpcias de Mercúrio e da Filologia*. A Idade Média deve, portanto, à cultura romana a estruturação e distribuição de sua grade curricular para o ensino nas escolas claustrais e episcopais. Quanto à Grécia, foi a filosofia platônica e, mais precisamente, neoplatônica que iria nortear todo o pensamento medieval até a entrada definitiva de Aristóteles no século XIII.

No dossiê em questão, os nossos pesquisadores deram ênfase, em seus artigos, a temas que tangem particularmente à educação na Grécia antiga. É, portanto, neste sentido que se desenvolve o primeiro artigo, de autoria de Sérgio Eduardo Fazanaro Vieira, intitulado, de maneira explícita: *A educação na Antiguidade: a filosofia e o discurso filosófico como exercício para a psicagogia*. O autor se baseia na concepção de Pierre Hadot, segundo a qual a filosofia está intimamente ligada às escolhas de um modo de vida, incluindo a experiência pessoal nas suas relações com a formação, a educação psicagógica e o constante exercício que conduz ao caminho da sabedoria.

O segundo artigo se intitula *Areté e poesia: a educação em Esparta*. O autor, José Benedito de Almeida Júnior, desenvolve uma reflexão sobre a reforma educacional realizada pelo legislador Licurgo em Esparta. Segundo o autor, Licurgo se viu na necessidade de criar uma nova constituição, denominada *Grande Retra*, para justamente restaurar os antigos valores dóricos e, assim, mitigar o crescente individualismo que vinha grassando na *polis*.

O terceiro artigo tem dois autores: Antônio Djalma Braga Júnior e Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues dos Santos. O texto, que tem como título: *Sileno: educador de Dionísio*, se propõe demonstrar o papel que teve a figura mitológica de Sileno na educação ou formação de seu companheiro, que é a divindade ou, como descreve Nietzsche, uma das pulsões básicas da natureza: Dionísio.

O quarto artigo, de autoria de Juliana Santana de Almeida, tem como título uma pergunta: *É possível educar as emoções?* A autora tem como referência principal a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e como objetivo sustentar a possibilidade de educar as emoções pelo exercício do ouvir e, conseqüentemente, de obedecer à razão.

O autor (Silas Borges Monteiro) e a autora (Anaise Ávila Severo) do quinto artigo, que se intitula, *Para leitores extemporâneos: quando Heráclito encontra Nietzsche*, partem da hipótese de que Heráclito poderia ser considerado leitor de Nietzsche, graças ao fato de ambos os filósofos terem várias afinidades em comum: a decisão estilística de Nietzsche em escolher seus leitores e a alta consideração em que o pensador do *eterno retorno* sempre colocou o filósofo de Éfeso.

O dossiê se fecha com um artigo da modalidade fluxo contínuo, sob o título: *A arte de formar: características da visão pedagógica de Edith Stein*. Seu autor, Edimar Fernando Moreira, se propõe identificar alguns elementos da visão pedagógica de Edith Stein e seus desdobramentos na sua própria formação de pensadora e educadora. O autor leva sobretudo em conta o conceito alemão de *Bildung*.

Desejamos, pois, aos autores deste terceiro número de *Basilíade* uma calorosa acolhida por parte dos leitores e a ambos uma ocasião para, baseados em novas perspectivas, apreciarem ainda mais o nascimento e o desenvolvimento da educação na Antiguidade.

**Irineu Letenski**  
**Editor Chefe**

**Rogério Miranda de Almeida**  
**Editor Adjunto**